

O ESTUDO DO LÉXICO: DA ABORDAGEM CLÁSSICA À LINGUÍSTICA COGNITIVA

Carlos Gustavo Camillo Pereira (PUC-Rio)

gustavo.c.p@live.com

Felipe de Andrade Constancio (UERJ)

felipe.letras.ac@gmail.com

Taís Turaça Arantes (UERJ)

taistania@gmail.com

RESUMO

Este trabalho busca expor em seu escopo como se deram os estudos lexicais em diferentes abordagens linguísticas, que são: a clássica, o estruturalismo, o lexicalismo gerativista e, por fim, a linguística cognitiva. Esta pesquisa é de cunho qualitativo e, dessa forma, o trabalho foi dividido metodologicamente em cinco seções, que buscam traçar um panorama sobre o estudo do léxico dentro da ciência linguística. Sendo assim, os resultados encontrados nesse estudo apresentam como são expostos os avanços e possíveis perdas nos paradigmas previamente citados, bem como, disserta sobre a importância de se reconhecer que nenhuma das abordagens apresenta uma suposta superioridade em detrimento da outra.

Palavras-chave:

Léxico. Morfologia. Estruturalismo. Gerativismo. Linguística cognitiva.

ABSTRACT

This work intends to expose in its scope how the lexical studies took place in different linguistic approaches, which are: the classical, the structuralism, the generativist lexicalism and, finally, the cognitive linguistics. This research is qualitative and, therefore, the work was divided methodologically into five sections, which seek to provide an overview of the study of the lexicon within linguistic science. Thus, the results found in this study present the advances and possible losses in the previously mentioned paradigms, as well as the importance of recognizing that neither approach has a supposed superiority over the other.

Keywords: Lexicon. Morphology. Structuralism. Generativism. Cognitive Linguistics.

1. *Introdução*

O léxico, atualmente, assume um lugar de importância nos estudos linguísticos, de forma que, em diversas abordagens de pesquisa, há metodologias específicas para lidar com a estrutura das palavras. Todavia, essa situação não foi sempre assim. Por este motivo, este trabalho se propõe a

fazer uma breve descrição dos estudos lexicais em diferentes abordagens, começando pela Antiguidade, perpassando o estruturalismo norte americano de Leonard Bloomfield, a teoria lexicalista proposta pelo gerativismo e finalizando no tratamento dado ao léxico em uma perspectiva da linguística cognitiva.

Dessa forma, o trabalho divide-se nas seguintes seções: inicialmente explica-se o tema que foi selecionado a fim de esclarecer os objetivos que pretendem ser alcançados, após isso se procede para o desdobramento do tema selecionado que será analisado nas perspectivas anteriormente citadas, a seguir, há uma síntese dos argumentos utilizados e, por fim, há também as considerações finais.

Assim, na Antiguidade, foi abordado o início dos estudos lexicais, bem como o fato de a palavra não possuir, neste paradigma, destaque para ser um objeto de estudo autônomo. Adiante, na perspectiva proposta por Leonard Bloomfield, o léxico recebe maior atenção e, até mesmo, noções e concepções importantes são desenvolvidas para o estudo da palavra, mas, mesmo assim, o léxico ainda assume uma posição marginal nos estudos linguísticos. Após isso, em relação à hipótese lexicalista, é explicado que, pela primeira vez, o léxico recebe um posto de importância e, agora, há o desenvolvimento de uma metodologia própria para os estudos lexicais, porém questões importantes ainda são ignoradas e/ou pouco enfatizadas. Finalmente, há uma descrição dos pressupostos da linguística cognitiva aplicados aos estudos do léxico. Assim, durante a exposição de cada uma dessas abordagens, são expostos os pontos positivos e ganhos de cada uma delas e as perdas e retrocessos existentes.

Adicionalmente, é de extrema importante enfatizar que, certamente, a pesquisa aqui desenvolvida, embora houvesse grande rigor para fundamentar e balizar todas as fases detalhadas, não houve a possibilidade de ser plenamente exaustivo na explicação, exposição e descrição dos estudos lexicais em cada uma das abordagens linguísticas, por se tratar de um tema profundamente detalhado e complexo para ser descrito em um trabalho relativamente pequeno. Por isso, pretendeu-se proporcionar maior ênfase aos momentos de mais importância e relevância para o desenvolvimento do léxico em cada uma das abordagens citadas neste trabalho.

2. O léxico na antiguidade: uma forma de melhorar discursos e argumentação

Certamente é possível afirmar que a língua, como instituição formadora de sentido e capacidade de estabelecer comunicação entre os indivíduos foi alvo de estudos independentes, sendo impossível precisar quando de fato iniciaram-se tais estudos. Todavia, inicialmente, de acordo com Robert Henry Robins (1979) é importante estabelecer que, desde a Antiguidade, já existia interesse na linguagem humana e, conseqüentemente, estudo sobre a existência, uso e natureza das palavras. Contudo, é evidente que a proposta e a justificativa para esta investigação se dava pelo fato de estabelecer melhores discursos, a busca pelo convencimento, além da produção de argumentações superiores. Assim, o estudo da linguagem, naquele momento da ciência, era orientado por motivações que não a própria linguagem em si.

A linguagem, o diálogo, a discussão rompem com a violência, o uso da força e do medo, na medida em que, em princípio, todos os falantes têm no diálogo os mesmos direitos (isegoria): interrogar, questionar, contra-argumentar. A razão se sobrepõe à força, é uma forma descontrolar o exercício do poder. A linguagem precisa ser racional, as discussões pressupõem a apresentação de justificativas, de argumentos, sendo abertas à interpelação, ao questionamento. (MARCONDES, 2007, p. 42)

Em adição, os gregos, e posteriormente os latinos, contribuíram para os primeiros estudos das gramáticas, visto que, nesse período, estabeleceram-se a conceituação para a classificação das primeiras classes de palavras. Nomenclaturas estas que possuem, de acordo com José Borges Neto (2012), grande influência nas gramáticas atuais do português, até mesmo naquelas que se propõem a estabelecer alguma forma de ruptura com a nomenclatura herdada pelas gramáticas greco-latinas.

Os sofistas deram uma grande contribuição ao desenvolvimento dos estudos da linguagem na tradição cultural grega. Seu interesse pela elaboração e proferimento do discurso correto e eficaz levou os a investigar a língua grega e a iniciar seu estudo sistemático, através da divisão das partes do discurso, do estabelecimento da análise etimológica, examinando o significado e a origem das palavras (a famosa questão da “correção dos nomes” que Platão retoma no diálogo Crátilo), bem como a tradição literária anterior, sobretudo a poesia épica de Homero e Hesíodo, que lhes fornecia boa parte dos recursos estilísticos – imagens, metáforas, figuras de linguagem – para seus discursos. Pode-se dizer, assim, que o interesse pela retórica e pela oratória motivou o desenvolvimento dos estudos de poética e gramática. (MARCONDES, 2007, p. 46)

Todavia, a fase filosófica dos estudos da linguagem, em relação à investigação da palavra, passou por um segundo momento que eram as

indagações sobre qual era o verdadeiro sentido estabelecido pela palavra e o que de fato ela significa, como se houvesse um sentido transcendente ao homem, e a língua tivesse o papel de nomear objetos, pessoas e a realidade conhecida. Por conseguinte, a missão do humano por meio do advento da língua era descobrir a verdadeira denominação de utensílios, fatos, estados, ocorrências existentes etc. John Lyons (1979, p. 4) enfatiza que:

Os filósofos gregos discutiam se o que regia a língua era a “natureza” ou a “convenção”. Essa oposição da “natureza” e da “convenção” era um lugar-comum da especulação filosófica. Dizer que uma determinada instituição era natural equivalia a dizer que ela tinha sua origem em princípios eternos e imutáveis fora do próprio homem, e era por isso inviolável: dizer que era convencional equivalia a dizer que ela era o mero resultado do costume e da tradição, isto é, de algum acordo tácito, ou “contra o social”, entre os membros da comunidade – “contrato” que, por ter sido feito pelos homens, podia ser, pelos homens, violado.

Adicionalmente, esse impasse se estendeu para as estruturas das línguas e gerou também o debate entre analogia x anomalia, o primeiro se referia aos casos padronizados e homogêneos da língua ao passo que o segundo tratava mais enfaticamente das questões que eram exceções às regras gramaticais e heterogêneas presentes na língua. Dessa forma, passou-se a analisar, também, as terminações regulares dos léxicos. Porém, em relação aos estudos das palavras, a primazia era aos aspectos flexionais que, por natureza, são majoritariamente homogêneos e quase sempre livres de mudança de forma, assim não havia, naquele tempo, estudos que enfatizassem o caráter derivacional da palavra, além de considerá-la como forma mínima de análise.

Por definição, sistemas flexionais são caracteristicamente mais regulares do que padrões derivacionais. Assim, é natural que na tradição clássica o estudo da morfologia fosse identificado como o estudo da flexão. Os gregos desenvolveram o modelo “Palavra e Paradigma”, no qual as palavras são consideradas como as unidades mínimas de análise linguística e o termo “paradigma” se refere ao esquema de variações acidentais de forma que diferentes classes de palavras apresentam, dentro de condições contextuais específicas. Assim, por exemplo, as declinações nominais e as conjugações verbais representam classe de palavras que seguem um esquema específico de variações de forma, próprio de cada classe. (BASÍLIO, 1980, p. 24)

Em adição, a primeira menção de separação entre flexão e derivação foi proposta pelo gramático latino Varrão ao estabelecer o termo *derivatio naturalis* para os processos de flexão, uma vez que estes ocorrem de maneira obrigatória na frase por meio de regras impostas pelo fenômeno da concordância e o termo *derivatio voluntária* para os casos de derivação, visto que o processo de derivar uma palavra parte da escolha do falante e

não por uma imposição expressa do arranjo sintático.

Por fim, na Antiguidade, houve uma pequena introdução ao estudo do léxico, mas a palavra e sua estrutura não eram um objeto de estudo em si mesmo, antes, era o meio pelo qual se poderiam compreender melhores técnicas de persuasão e argumentação. Dessa maneira, não é logicamente possível elencar um retrocesso, visto que essa foi a primeira fase de um possível estudo do léxico. Todavia, há, como já comentado anteriormente, propriedades importantes do léxico que não eram investigadas.

3. *O léxico em Bloomfield: um método de análise para as línguas ameríndias*

Leonard Bloomfield, ao lado de Edward Sapir, é o maior nome e representante do estruturalismo americano. Além disso, um de seus maiores objetivos, a partir do estudo da linguagem, era a investigação das estruturas linguísticas das línguas ameríndias. Todavia, é importante enfatizar que, de acordo com Marcos Antônio Costa (2013), por ser bastante influenciado pelo behaviorismo, tendência científica de maior difusão na psicologia daquele momento, sua forma e método de análise partiam de uma percepção estritamente comportamental em se tratando dos usos da língua e, como consequência, possuía grande rigor metodológico e bania a semântica de suas análises, visto que é terminantemente importante se ater ao que é de fato analisável e evitar todo e qualquer interpretativismo subjetivo e priorizar uma análise objetiva.

Dessa maneira, ainda de acordo com Marcos Antônio Costa (2013, p. 123), para que a fosse possível estabelecer uma análise eficaz, cujos conceitos pudessem ser aplicados a qualquer língua em uma descrição sincrônica, era necessário que se estabelecessem os seguintes critérios:

Cada língua apresenta uma estrutura específica;

Essa estruturação é evidenciada a partir de três níveis – o fonológico, o morfológico e o sintático – que constituem uma hierarquia, com o fonológico na base e o sintático no topo;

Cada nível é constituído por unidades do nível imediatamente inferior; as construções são sequências de palavras; as palavras, sequência de morfemas; os morfemas, sequência de fonemas;

A descrição de uma língua deve começar pelas unidades mais simples, prosseguindo, então, à descrição das unidades cada vez mais complexas;

Cada unidade é definida em função de sua posição estrutural – de acordo

com os elementos que a precedem e que a seguem na construção;

Na descrição, é necessária absoluta objetividade, o que exclui o estudo da semântica do escopo da linguística.

Adicionalmente, Robert Lawrence Trask (2006) explica que o termo morfema foi pela primeira vez cunhado pelo linguista polonês Jan Baudouin de Courtney, no século XIX, mas que coube a Leonard Bloomfield, nos anos de 1930, por meio da sua reconhecidíssima obra, *Language* (1933), dar novo sentido a esta conceituação que é atualmente vigente. Sendo assim, Leonard Bloomfield caracteriza o morfema como sendo a forma mínima indivisível dotada de sentido. Mesmo com este avanço, o estruturalismo americano de Leonard Bloomfield ainda era reducionista em se tratando do léxico, pois, assim como na Antiguidade, não considerava os processos semânticos envolvidos na formação de palavras. Embora o conceito de morfema agora possua a noção de menor forma dotada de significado, esse aspecto semântico não era nem um pouco contemplado. Todavia, é possível elencar um avanço, visto que por meio da nova abordagem dada ao conceito de morfema, estabeleceu-se a ideia de que a palavra passava por processos de formações e processos estruturais, o que, nas palavras de Marcos Antônio Costa (2013) originou a noção de “análise dos constituintes imediatos”.

Em suma, o léxico na perspectiva da linguística estrutural, proposta por Leonard Bloomfield, ainda não possui autonomia e não passa de um mero meio para fazer uma análise mais aprofundada das línguas indígenas norte americanas. Todavia, é certo que houve avanços, a começar pela noção, diferente da qual era hegemônica na Antiguidade, de que a palavra não era a unidade mínima, antes, ela era constituída por acessórios menores, que seriam os morfemas. Além disso, a própria reformulação do conceito de morfema proposto por Leonard Bloomfield viria a ser de importância ímpar para o estudo do léxico. Porém, as especificidades semânticas envolvidas nos processos de formações não eram contempladas. Além disso, ainda nesta perspectiva, o caráter inovador do falante na criação de novas palavras não era abordado e nem poderia, visto que o modelo de análise proposto por Leonard Bloomfield almejava, acima de tudo, a objetividade e uma suposta capacidade mental de inovação e criação do léxico presente no falante, obviamente não seria objeto de estudo de sua abordagem.

4. A hipótese lexicalista: uma proposta de estudo do léxico pelo léxico

Como foi observado anteriormente, durante o estruturalismo norte americano, as práticas, os métodos e as análises científicas foram profundamente influenciadas pelo behaviorismo, cujo principal teórico era o psicólogo Burrhus Frederic Skinner. Como consequência de uma ciência baseada puramente no comportamento humano e fundamentada em investigações de estímulo-resposta, a característica subjetiva e mentalista do ser humano fora deixada de lado. Todavia, Noam Chomsky vai de encontro aos padrões científicos hegemônicos do momento e desenvolve profundas críticas ao modelo vigente. Além disso, uma das maiores desaprovações estabelecidas por Noam Chomsky, de acordo com Eduardo Kennedy (2013) era o fato de que o caráter criativo e inovador do falante não era devidamente examinado.

Embora o aspecto criativo da linguagem tenha sido tacitamente assumido tanto na gramática tradicional como no estruturalismo, só na teoria transformacional a gramática é vista primariamente como um modelo que pretende representar o conhecimento subjacente ao uso criativo da língua pelo falante nativo. A noção de competência, isto é, o conhecimento que o falante tem de sua língua enquanto falante nativo, é um dos conceitos mais básicos na teoria gerativa. (BASÍLIO, 1980, p. 8)

Em se tratando do léxico, no ano de 1970, por meio do artigo chamado *remarks on nominalization*, Noam Chomsky propõe um método de análise do léxico e o (re)coloca como um objeto de estudo, só que agora autônomo e possuindo suas próprias finalidades de investigação.

Na hipótese lexicalista, intentou-se desenvolver um método, aplicável a todas as línguas, de análise não só de palavras já existente no léxico do falante, mas também a palavras em potencial. Dessa forma, o modelo de análise utilizado nessa abordagem são as regras de análise estrutural (RAE) e as regras de formação de palavras (RFP). As primeiras se dão por meio da assimilação do falante em relação às palavras já existente o que, nas palavras de Ray Jackendoff (1975), possibilitaria que o falante reconhecesse uma regra de redundância e, após compreender o seu uso, ele então poderia reconhecer outras estruturas com a mesma formação ou, até mesmo, criar novas palavras que seriam os casos das regras de formação de palavras.

Assim, os falantes, por já terem as relações lexicais internalizadas, eles podem se utilizar das regras de formação de palavras na formação de novos vernáculos, de forma que a inovação lexical é recorrente. Exemplo dessa situação no português brasileiro seria a criação de palavras tais como

“apitação”, “esfirração”, “panelaço” que são formações novas e atuais, mas que são completamente compreensíveis, uma vez que foram adicionados à base verbal os sufixos “aço”. Dessa forma, é explicitado que os procedimentos de formação de palavras não são uma propriedade aleatória no léxico do falante, antes, é uma faculdade previsível e possível de ser analisada, uma vez que as formações obedecem a um padrão estabelecido pelas regras de formação de palavras.

Por ser uma abordagem que se debruça sobre a possibilidade da formação de palavras potenciais, Mark Aronoff (1976) propõe a noção de bloqueio que deveria ser aplicada aos léxicos que possuem uma formação possível, mas que não são realizados pelo falante, uma vez que já há outro desempenhando sua função. Por isso, embora seja possível, em termos de regras de formação de palavra, tomar a base verbal “casar” e adicionar o morfema “ção” a fim de formar a palavra “casação” como ocorre em “competição”, “liquidação”, “construção”, tal produção não se sucede uma vez que já existe a palavra “casamento” para exercer esta finalidade.

Certamente a hipótese lexicalista, que inicialmente fora proposta por Noam Chomsky, mas que passou por diversos aprimoramentos como em Morris Halle (1973) Ray Jackendoff (1975) e Mark Aronoff (1976), possui importância inquestionável e inigualável em se tratando da autonomia do léxico e do desenvolvimento de teorias que dessem maior ênfase aos estudos da palavra e sua formação. Contudo, essa abordagem também possui alguns inconvenientes. O principal dele seria o fato de o conceito de produtividade, o qual é de grande importância para esta abordagem, ser ambíguo, uma vez que a mesma concepção se refere a duas propriedades completamente distintas, a primeira seria a capacidade que um processo tem de produzir uma nova formação e o segundo é referente à frequência. Por esse motivo, Joan Lea Bybee (1988) tece críticas a esse conceito visto que, além disso, ele trata com a mesma formalidade processos que geram três, trinta ou três mil palavras.

É importante ressaltar que a hipótese lexicalista, que foi desenvolvida pelos teóricos gerativistas, possui grande influência da sintaxe e, como resultado, não há uma importância devida à descrição semântica envolvida nos processos de formação de palavras, vistos que, segundo Margarida Basílio (1980), Ray Jackendoff propõe que as nominalizações e outros processos de formação de palavras não apresenta constância semântica, uma vez que ele postula que os morfemas não possuem significados previsíveis e, como consequência, necessitou-se estabelecer uma regra de

redundância semântica a parte das de formação de palavras.

Em adição, indo de encontro ao posicionamento de Ray Jackendoff, anteriormente explicitado, em relação às propriedades semânticas nas formações de palavras, em Margarida Basílio (2006) encontram-se fundamentos para estabelecer que, na verdade, há sim uma previsibilidade significativa nos morfemas. Assim, tomando-se como exemplo as formações de nome de agentes no português do Brasil com base no morfema “x-dor”, a linguísta afirma: “O sufixo -dor é utilizado, sobretudo, para a caracterização genérica de profissões, cargos e funções; para a caracterização habitual; para a designação de instrumentais de ordem mecânica, eletrônica ou abstrata e para a caracterização eventual”. (BASÍLIO, 2006, p. 40)

5. *A linguística cognitiva: novas perspectivas – avanços ou retrocessos?*

A linguística cognitiva não propõe um tratamento específico para o léxico, devido ao fato de que, de acordo com Margarida Basílio (2010), fundamentalmente ela não estabelece limites rígidos entre a gramática e o léxico. Além disso, a linguística cognitiva parte do pressuposto de que não é possível, nem proveitoso, estudar a língua à parte do ser corporal e isso possui relevantes consequências na forma de se investigar o léxico. Assim, de acordo com Margarida Basílio (2010), a conceituação estabelecida pelo falante resulta de uma experiência física com o objeto, dessa forma, pode-se afirmar que “a direção geral do significado vai do mais concreto para o mais abstrato” (p. 6).

Diferentemente das abordagens anteriores, nesta há grande ênfase na semântica envolvida nos processos de maneira que Ronald Wayne Langacker (2008) afirma que é tão inútil analisar estruturas gramaticais sem referência aos seus valores semânticos quanto escrever um dicionário omitindo o sentido de suas palavras. Além disso, questões de metáforas e metonímias como recursos de expansão do significado do léxico estão profundamente presentes na descrição dos processos de formação de novas palavras.

Estruturações e esquemas de formação de palavras não são os únicos aspectos investigados durante a construção de novos léxicos, antes, a motivação do falante na inovação lexical é de extrema importância nesta abordagem de maneira que, tomando-se como exemplo formações de nomes deverbais com base “x-dor” no português brasileiro, Nubiácia

Fernandes de Oliveira (2008, p. 70) explica que as formações em “X-dor” não são necessariamente agentes prototípicos, mas podem desempenhar diferentes papéis semânticos como: experienciador (admirador), tema (ganhador), instrumento e até locativo (corredor). Além de concluir, portanto, que este sufixo é polissêmico. No entanto, essas construções também possuem motivações pragmáticas e podem funcionar como recurso coesivo na construção textual, de maneira que:

A formação de nomes agentivos tal como os derivados em *-dor* é, em princípio, um processo de natureza semântica, cujo objetivo é a referência a indivíduos e/ou objetos. Contudo, Basílio (1987) chama a atenção para um tipo de função textual desempenhada por essas formações agentivas: o papel que tem o derivado de substituir uma construção com oração relativa também possível no mesmo contexto, porém com menor grau de concisão. De acordo com Basílio, a função textual dos agentivos-*-dor* está presente na oração (b), abaixo, que substitui (a)

(a) *Aqueles que venceram* estão chegando.

(b) *Os vencedores* estão chegando. (OLIVEIRA, 2008, p. 126)

Na perspectiva cognitivista, afirma-nos Lilian Ferrari (2018, p. 31) que a categorização de unidades da língua, sobretudo as unidades do léxico, ocorre por meio de agrupamentos semânticos, numa espécie de capacidade que a língua tem de ser recursiva (a todo instante, unidades emergem, como forma, mas com um uso situado – veja-se, por exemplo, o sufixo *-aço* em formações como “panelaço”, “beijaço”, “cuspidaço” etc.).

É importante salientar que a categorização (e até mesmo a recategorização) é um domínio implementado pela vertente cognitivista, em que se pode vislumbrar uma possível interface nos estudos linguísticos, a saber: lexicultura, uma área que tem recebido influxo de pesquisas no âmbito da linguagem, e ao mesmo tempo, tem recebido enfoque no que diz respeito ao tratamento do componente cultural imerso nos estudos linguísticos.

Por fim, é possível afirmar que, de acordo com Nubiácia Fernandes de Oliveira (2008), pelo fato de os dados da linguística cognitiva serem pragmaticamente orientados, essa abordagem não se prende apenas aos processos de estrutura interna na formação do léxico, mas recorre às necessidades do falante a fim de compreender as motivações cognitivas na construção de novos léxicos. Contudo, por tido sua existência resultada em um momento em que os maiores paradigmas linguísticos eram estruturalistas, há, como consequência, uma grande ênfase na sintaxe em detrimento do próprio léxico. Por isso, ainda há poucas pesquisas sobre a

formação de palavras nesta abordagem que é relativamente nova.

6. Considerações finais

Como fora observado, um mesmo fenômeno pode ser representado, conceituado investigado de diferentes maneiras dependendo da abordagem selecionada. Em se tratando do léxico, durante o período da Antiguidade, conforme analisado neste trabalho, ele foi investigado como um método a fim alcançar melhores formas persuasivas. Dessa forma, mesmo em outra abordagem, no caso, no estruturalismo, o léxico ainda não se constituía como um objeto de análise e investigação autônomo. Todavia, é inegável os avanços alcançados nesses períodos.

Apenas no lexicalismo do gerativismo é que pode haver, de fato, um foco maior nos processos de formação de palavras que privilegiasse os aspectos criativos do falante nativo. Portanto, não apenas investigam-se as palavras que podem vir a existir por meio do estabelecimento das regras de formação de palavras e outras proposições.

Além disso, a linguística cognitiva disponibiliza novas maneiras de abordar o léxico e sua estrutura, mas, como já anteriormente explicitado, as pesquisas na área da formação de palavras nesta perspectiva ainda são poucas. Todavia, é imprescindível reiterar que todas as abordagens consultadas possuem pontos positivos e uma contraparte negativa, logo não se pretendeu, neste trabalho, apontar uma suposta superioridade de uma abordagem em detrimento da outra. Assim, seria importante desenvolver mais pesquisa a fim de aprofundar mais as diferenças encontradas e compreender com mais exatidão em quais situações de descrição e uso uma perspectiva poderia ser, de fato, a ideal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar*. Massachusetts: The MIT Press, 1976.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. Metaphor and metonymy in word formation. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, vol. 22, n. 3, p. 67-80, 2006, Disponível em: <<https://revis-tas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/37319>>. Acesso em: 15-09-

2019.

_____. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 2, p. 11-26, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4444/3216>>. Acesso em: 15-09-2019.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Nova York: Holt, 1933.

BORGES NETO, José. Gramática tradicional e linguística contemporânea: continuidade ou ruptura? *Todas as Letras* vol. 14, n. 1, p. 87-92, 2012.

BYBEE, Joan Lea. Morphology as lexical organization. In: HAMMOND, Michael; NOONAN, Michael. (Orgs). *Theoretical Morphology*. Nova York: Academic Press, 1988.

CHOMSKY, Noam. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, Roderick A.; ROSENBAUM, Peter S. (Orgs.). *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn & Co, 1970.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2018.

HALLE, Morris. Prolegomena to a Theory of Word Formation. *Linguistic Inquiry*, vol. 4, n. 1, p. 3-16, 1973. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/2054/4d69621d6846d369e62458b2495618e7d7b8.pdf>>. Acesso em: 15-09-2019.

JACKENDOFF, Ray. Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon. *Language* n. 51, n. 3, p. 639-671, 1975.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Inglaterra: Oxford University Press, 2008.

LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Edusp, 1979.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*. Dos pré-socráticos a Wittgenstein. 17. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

OLIVEIRA, Nubiácia Fernandes de. *Abordagem cognitiva da construção deverbais X-dor: contribuições para o ensino do português*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

ROBINS, Robert Henry. *A Short History of Linguistics*. 3. ed. London: Longman, 1979.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2006.